

AUTORIA DOS SÍMBOLOS

DORIO GRANDE DO SUL

(SUBSÍDIOS PARA A SUA REVISÃO HISTÓRICA
TRADICIONALISTA E LEGAL)



Coronel Eng Claudio Moreira Bento

Historiador militar e também jornalista e ex- comandante do 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajuba-MG 1981-1982 e um dos historiadores da Arma de Engenharia. Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História e sócio benemerito do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército. Serviu no Estado-Maior do IV Exército em Recife 1970-1971, quando coordenou como missão militar O Projeto, Construção e Inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes, inaugurado em 19 de abril de 1971, pelo Presidente Emilio Médici, ocasião em que lançou seu primeiro livro :Análise e descrição militar das Batalhas dos Guararapes. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1971.2v.prefaciado pelo comandante do V Exército, Gen Ex Arthur Duarte Candal da Fonseca.

Digitalização do livro do Autor. para disponibilizá-lo na Internet em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB, na AMAN em levantamento para disponibilizá-lo no sistema de bibliotecas do Exército

MAJ ENG QEMA CLÁUDIO MOREIRA BENTO

AUTORIA DOS SÍMBOLOS DO RIO GRANDE DO SUL

(SUBSÍDIOS PARA REVISÃO
HISTÓRICA, TRADICIONALISTA E LEGAL)



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
RECIFE

MINISTRO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Rua D. Manoel de Medeiros - Dois Irmãos
Caixa Postal, 2071 - End. Teleg. "AGRIUR"
RECIFE - PE

Reitoria
Reitor: Prof. Dr. ADIERSON ERASMO DE AZEVEDO

Bento, Cláudio Moreira

Autoria dos Símbolos do Rio Grande do Sul (subsídios para revisão histórica, tradicionalista e legal). Recife, Universidade Federal Rural de Pernambuco, M. E. C., 1971.63 p.

1. SIMBOLISMO (HERÁLDICA) 2. SIMBOLOS - RIO GRANDE DO SUL

3. PIRES, BERNARDO, 1790-1891 1. Título.

U. F. R. Pe.BC – SAPT 929.8 (CDD)

SUMARIO

Folha de rosto. Com brasões das instituições fundadas e presididas pelo

Autor e sua foto

Capa do livro original cópia ...2

Ficha catalográfica e observações atuais ...3

SUMARIO

Folha de rosto. Com brasões das instituições fundadas e presididas pelo

Autor e sua foto

Capa do livro original cópia ...2

Ficha catalográfica e observações atuais ...3

Sumário ...3

Folha de rosto cópia da original...4

Apresentação (Reitor da UFRPe) ..5

Prefácio (Prof. J. Vasconcelos Sobrinho) .6

Nota do autor e 2016 sobre o prefaciador e Dedicatória. 8

Apresentação (Autor).9

Um Grande Patriota e Precursor Republicano .10

O Grande Patriota Herói de Sete Guerras.10

O Grande Precursor Republicano e “Mártir de Seival” . 13

Autoria dos Símbolos do Rio Grande do Sul (subsídios).....18

Painel do Padre Hildebrando ..18

Hino Nacional..19

Bandeira do Rio Grande do Sul ..23

Escudo D'Armas do Rio Grande do Sul27

Trabalhos do Autor em 1971...61

MAJ ENG QEMA CLÁUDIO MOREIRA BENTO

AUTORIA DOS SÍMBOLOS DO RIO GRANDE DO SUL

(SUBSÍDIOS PARA REVISÃO
HISTÓRICA, TRADICIONALISTA E LEGAL)



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
RECIFE - 1971

A PRESENTAÇÃO PELO REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

O Major Claudio Moreira Bento, pesquisador apaixonado da história brasileira, com o seu livro “Simbolos do Rio Grande do Sul”, descobre para o Nordeste o herói Bernardo Pires, gaúcho lírico e batalhador, que no século passado, aos 77 anos de idade, ainda lutava com o ardor dos jovens em defesa da terra comum.

Neste ano em que Pernambuco sente a emoção de ver surgir o seu Parque Histórico Nacional dos Guararapes, a Universidade Federal Rural de Pernambuco, sente-se feliz em publicar o presente trabalho do historiador Major Cláudio Moreira Bento. É uma homenagem aos irmãos do sul que souberam preservar a chama da integridade nacional, lutando pelos pampas e coxilhas, como aqui lutaram pelas restingas e matas costeiras os heróis nordestinos, para que o Brasil alcançasse a afirmação de povo dirigente dos seus próprios destinos.

Ao povo brasileiro e especialmente aos estudantes, entregamos este trabalho, na certeza de que estamos contribuindo para o culto a um herói que é mais um símbolo do valeroso espírito nacional.

ADIERSON ERASMO DE AZE VEDO
Reitor

Nota: Em 2016. Como chefe da 5ª Seção do Estado-Maior do IV Exército tinha por missão manter contato com o Público Externo e em especial com o Corpo Docente e Discente das Universidades Federais, visitando a convite os seus Campus, onde desenvolviam trabalhos semelhantes aos do Projeto Rondon.

Este trabalho foi elaborado há 45 anos e por um historiador militar em seus primeiros passos e, naturalmente contém falhas e mais as resultantes de falhas na digitalização e das novas descobertas sobre o assunto nos últimos 45 anos e, em especial sobre a projeção na Revolução Farroupilha do Major de Artilharia Jose Mariano de Mattos, motivada por uma Questão Militar que levou à Revolta toda a Guarnição do Exército da Província em 20 de setembro de 1835, e até hoje não considerada pela historiografia gaúcha, o que temos revelado em estudos recentes sobre uma releitura das causas da Revolução Farroupilha.

PREFÁCIO

O Rio Grande do Sul e Pernambuco sempre se completaram e se compreenderam economicamente, culturalmente e historicamente. Talvez pela distância imensa que os separa e diversidade das condições ecológicas. Talvez porque as suas histórias, ambas heroicas, ofereçam motivos de louvores mútuos.

E, pois, como pernambucano, temos imensa satisfação em analisar a obra desse escritor gaúcho que, residindo em Recife por tão pouco tempo, conseguiu impor-se à estima e à consideração da sua elite intelectual.

Para apreciar com acerto esta monografia com a qual o Major Cláudio Moreira Bento encerra, pelo menos transitoriamente, as suas atividades em Recife, transferido que se encontra para mais altas funções em outra parte do País, torna-se necessário apreciá-lo como autor de trabalhos anteriores. Pois não se trata de escritor novato, em tentativas de buscas de caminhos ainda indecisos. Sua opção está feita como historiador militar desde seus primeiros lançamentos.

Mas, foi certamente, em seu último livro “As Batalhas dos Guararapes — Análise e Descrição Militar”, que o Major Cláudio Moreira Bento encontrou os rumos definitivos de sua vocação como intérprete da História, e não apenas mero expositor dos acontecimentos.

Voltemos, porém, ao que nos cumpre apreciar como apresentador desta Monografia, pois outros já o fizeram aos trabalhos anteriores, assaz numerosos, desse Autor ainda quase jovem, e que tanto já enriqueceu a literatura desse gênero, pouco abundante, ainda, em nosso País.

SIMBOLOS DO RIO GRANDE DO SUL, é um trabalho de minuciosa pesquisa através de documentos tantas vezes difíceis de exumar de escondidos arquivos, separar e catalogar, testar a legitimidade e autenticidade. Neste trabalho, o Major Cláudio Moreira Bento, transcreve os fatos, às vezes fielmente quando o valor do documentário se impõe à interpretação pessoal, outras vezes, porém, analisa-os, embora de leve, como para não ferir a autenticidade do documento em foco; outras vezes, ainda, se alonga em considerações que valem, por sua clareza e objetividade, como uma suplementação adicional capaz de conduzir o leitor à compreensão das implicações atuais e posteriores ao acontecimento local a que o documento se refere.

Essa capacitação, esse dom de descobrir as implicações dos acontecimentos históricos, encontrar as suas verdadeiras origens e as suas conseqüências que por sua vez condicionam outros fatos, tudo formando a história em sua seqüência concatenada e lógica, através do espaço e do tempo, e que vem projetando o Major Cláudio Moreira Bento como o historiador notável da história militar brasileira, constitui a característica fundamental do verdadeiro historiador.

Tudo o que caiu nas mãos do Autor desta Monografia, como documentário dos fatos que conduziram à criação da rica simbologia gaúcha, é perquirido em suas minúcias, interpretado e exposto em abundância de comentários.

Descobriu o Autor, o seu herói, nascido em 1790, em região cujo domínio escapava de contínuo das mãos das duas potências Portugal e Espanha, em um avanço e recuo de fronteiras imprecisas, ao sabor dos bandos armados e das

tropas regulares que heràicamente se empenhavam em firmar direitos mútuamente contestados.

Esse herói foi Bernardo Pires. Sua vida inteira, longa de mais de cem anos, permitiu-lhe compartilhar de episódios que determinaram, através de período tão grande, as características fundamentais do povo rio grandense. Mas, Bernardo Pires não foi apenas testemunha. Ele foi o criador da história da sua província. E, também, o seu intérprete, através da simbologia que a representa.

Herói autêntico, pelo que dêle se lê nas descrições das suas atitudes, e criador do primeiro símbolo de sentido nacional ou pelo menos regional, a Bernardo Pires se deve o decantado “lenço brasonado” dos primeiros lanceiros gaúchos, “catalisador do ideal republicano durante quase um século”.

Mas, ele foi o criador também dos símbolos que subseqüentemente identificaram os movimentos da Província, inclusive, a renomada bandeira farroupilha.

Temos, assim, nesta Monografia, uma reminiscência autêntica de fatos históricos do maior realce. Mas, o Major Cláudio Bento não fica aí, no fato puro. Encontra no seu Fierói algo bem mais importante que o ânimo de batalhador incansável, de desenhador de símbolos. Êle é bem mais que isto; é um comunicador de idéias e de ideais. O símbolo: simples lenço, escudo ou bandeira, constitui o amuleto mágico, o catalisador que leva à ação em prol daquelas idéias e daqueles ideais tidos como justos e aceitos como válidos até o sacrifício.

Bernardo Pires tem esse condão de saber comunicar através de uma simbologia quase mística, a fé na validade dos ideais comuns, a quantos o seguem, e que imprimem significado aos sacrifícios exigidos.

E aí está a virtude maior do historiador Cláuáio Moreira Bento: a de penetrar o ânimo dos seus heróis e alcançar o psicológico dos seus atos. Por isto quando historia, foge à rigidez dos relatos e alcança a emotividade de fatos vivos. E ainda mais: tudo quando analisa, constitui — considerando todos os seus trabalhos como uma só obra —, uma seqüência de reminiscência histórica postas seguidamente, a unirem fatos que, embora distanciados no espaço e no tempo, apresentam-se como uma unidade, impondo-se à percepção do leitor como as razões que conduziram, de modo ainda misterioso, á aglutinação de tantas minúsculas pátrias em uma só pátria comum.

E a explicação ai está ressaltando da sua obra de historiador: os homens que lançaram os fundamentos da nacionalidade, em regiões tão distanciadas e tão diversificadas em costumes e em condicionantes ecológicos, foram todos eles, outros tantos Bernardo Pires. Todos possuindo virtudes comuns válidas em todas as partes, aquelas que constituem o cimento que aglutinou essas minúsculas pátrias que são o Rio Grande do Sul, Pernambuco, São Paulo, Minas, Acre, nessa unidade diversificada porém indivisa, que hoje denominamos Nação Brasileira.

**Universidade Federal Rural de Pernambuco
14 de junho de 1971.**

Prof. J. Vasconcelos Sobrinho

Nota em 2016: Na Comissão encarregada do Projeto. Construção e Inauguração do Parque Histórico Guararapes foi que conheci o Professor J, Vasconcellos Sobrinho, um grande cientista , através do qual pela primeira vez conheci a importância da preservação ambiental e logo nos tornamos amigos. Ele dirigia o Zoológico do Recife, onde não permitia o trânsito de visitantes de automóvel, ou qualquer outro veículo. Era estudioso de dessertificação e pregava que o rio São Francisco não podia servir a dois senhores. a geração de energia elétrica em Paulo Afonso e a transposição de suas águas para abastecer o Nordeste. E que era impositivo a preservação do revestimento florestal das nascentes que o abasteciam e de sua vegetação ciliar . Revestimento florístico que constituía a grande represa a abastecer o rio, e a compensar a grande evaporação da Barragem do Sobradinho, que terminaria por determinar a falta de navegabilidade do rio São Francisco, a falta de água para gerar energia elétrica e para a transposição. Muito aprendi com o mestre e creio ele também aprendeu comigo, no sentido de se comunicar com o Povo, sobre as suas idéias, as colocando na boca do padre Cícero Romão Batista. Hoje o rio São Francisco está longe de ser o que foi no passado. Seus conselhos não foram ouvidos. Será que ele estava com a razão.?

DEDICATÓRIA

**Aos tradicionalistas autênticos
do Rio Grande do Sul,
cultores do Espírito de “35”, este,
um dos grandes fundamentos do
sentimento maior de BRASILIDADE.**

O autor.

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho pretende fornecer subsídios, para uma revisão histórica, tradicionalista e legal, no sentido de determinar-se a autoria dos símbolos do Rio Grande do Sul, com provas documentais, ao mesmo tempo que devolver-se a autenticidade dos mesmos, dentro do espírito dos constituintes rio-grandenses de 1891.

Ao longo da exposição, faço um ensaio biográfico de Bernardo Pires, intimamente ligado ao simbolismo farroupilha, procurando mostrar a possibilidade de ele ter sido o autor dos símbolos do Rio Grande do Sul.

Após apresentação do ensaio biográfico, passo a analisar questões relacionadas com a Bandeira, Escudo e Hino Nacional da República Rio-Grandense e outros assuntos ligados ao simbolismo farroupilha.

Meu trabalho destinado a publicação no Diário Popular de Pelotas, aparece com repetições de um artigo para o outro, para maior facilidade de ligação, de parte do leitor, dos assuntos aqui abordados.

As conclusões finais, sobre tão magno problema, ligado ao simbolismo do Rio Grande do Sul, as deixo, para serem decididas por seus historiadores, tradicionalistas, legisladores e governantes.

O autor

UM GRANDE PATRIOTA E PRECURSOR REPUBLICANO

“O culto aos heróis do passado é um dos mais belos e sagrados deveres de uma nação”,

(Gen Breno Borges Fortes, Parque Histórico Mal Osório — 10 maio 70).

“Na evocação dos símbolos, dos heróis e da História, renovam-se os homens e a pátria”,

(CTG Sinuelo do Pago Uruguaiana — Parque Histórico Mal Osório — 10 maio 70).

Contarei hoje, a história de um grande patriota, e ao qual não foi feita justiça histórica, até o presente.

Trata-se de Bernardo Pires, nascido em maio de 1790, no atual Rio Grande do Sul, em terras pertencentes de direito ao Rei de Espanha, por força do tratado de Santo Ildefonso de 1778, e atualmente, terras do município de Herval do Sul, nas quais seu pai fincara pé, em nome do Rei de Portugal.

Por ocasião da arrancada de 1801, que incorporou pelas armas à Portugal, todo o território entre o rio Piratiní e o Jaguarão, Bernardo Pires, então com onze anos, assistiu à partida e regresso do pai, que formara ao lado dos 800 bravos da Zona Sul, e com os quais, o Cet Manoel Marques de Souza, comandante da Fronteira de Rio Grande, recalcara as guardas espanholas dispersas, entre os rios Piratiní e Jaguarão.

Desta arrancada, após a vitória, em Passo das Perdizes, culminou à incorporação definitiva ao Rio Grande, de todo o território ao sul de Piratiní.

O GRANDE PATRIOTA HERÓI DE SETE GUERRAS

Nasceu em período de tensão de guerra iminente, na “Fronteira do VAIVÉM, que seu pai, cidadão em armas, ajudara a dilatar e a manter. Nesse ambiente, nosso herói forjou seu caráter de extremado patriota e excepcional combatente.

Em 1811, com vinte anos, alista-se como voluntário em Jaguarão, ao comando de Silvestre Pinto, e segue com o Exército de Pacificação ao comando de D. Diogo de Souza, até Maldonado, em socorro ao governador Hélio, sitiado em Montevideu, pelo argentino Rondeau.

Após um curto período de paz, mas sempre com o pé no estribo, participa da campanha de 1816/1821, da qual, após a derrota de Artigas, em Sarandi, o Uruguai foi incorporado ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.

Como era o normal entre os fazendeiros fronteiriços, participar das guerras do Sul, Bernardo Pires o fez intensamente na Guerra Cisplatina (1825/1828), e nela, entre outras, participou da Batalha do Rosário, junto com Joaquim Teixeira Nunes, Lucas Oliveira e muitos outros bravos. Após essas lutas, entraria junto com o Exército de Lecor em Piratiní, em 21 de agosto de 1828, à procura de melhores abrigos de inverno, enquanto processavam-se os entendimentos de paz, dos quais, resultou seis dias após, a Convenção Preliminar de Paz entre o Brasil e a Argentina, que tornaria independente do Brasil o Uruguai.

Meu biografado, homem que teve por escola as coxilhas, aprendeu a ler como autodidata, numa região onde não existiam ainda escolas. Aproveitava os intervalos entre os constantes combates, refregas e entreveros para ilustrar-se. Faz-me recordar da resposta mais ou menos nestes termos, do grande rio-grandense que foi o Senador Pinheiro Machado, ao grande Rui Barbosa, ao ser criticado, por êste, por uma incorreção gramatical, quando iam acesos os debates no Senado:



BERNARDO PIRES
O Herói de Sete Guerras

“E compreensível o meu deslize gramatical, pois enquanto eu gastava meu tempo ajudando a marcar a fronteira meridional da Pátria, a ponta de espada, V. Ex gastava os fundilhos das calças nos bancos escolares”.

Como prova do apreciável grau de alfabetização de Bernardo Pires, guardadas as devidas proporções no tempo, basta ler-se carta de sua autoria, que o eminente historiador, Walter Spalding, fez publicar no nº 266, ano 1965, da **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, e suas colaborações no jornal **“O POVO”**, editado por Rosseti. Sua carta revela um excelente estilista quanto a forma e fundo, homem modesto, e sempre pronto a servir, em que pese o rigor do inverno que êle sofria na ocasião, já com idade de 72 anos. Em idade, em que os velhos guerreiros mereciam o justo descanso de ficar junto às crianças e mulheres, nosso herói preparava-se, ao desabrigo de um acampamento militar de campanha, para participar da Guerra contra Aguirre. Esta carta fornece valiosos subsídios sôbre a Guerra, (1825/1828).

Com a desmobilização do Exército, em Piratini, juntamente com Bernardo Pires radicam-se nessa vila, diversos futuros próceres farroupilhas, descontentes com o Império, pela descolorida campanha Cisplatina, e com os pesados impostos incidindo sôbre o charque e o campo, de uma pecuária falida, pelo abandono de seus donos em armas, e pesadas contribuições em gado, para a alimentação do Exército, tudo, inspirado

por uma minoria portuguesa que continuava a dominar economicamente o Brasil, em que pese o Grito do Ipiranga. A isto, somava-se a revolta de não terem confiado o comando do Exército a tantos bravos e experimentados gaúchos, conhecedores de cabeça, de todos os detalhes militares geográficos do campo de batalha, e da psicologia do combatente gaúcho, numa época em que não existiam cartas topográficas e serviço militar obrigatório, e o gaúcho corria, em defesa do campo santo, por patriotismo, pundonor social, e voluntariamente, Caxias pacificou, porque sôbe usar dentre outros, o Gen Bento Manuel Ribeiro e o Barão de Jacuí, que aliavam na mesma pessoa, brilhantes espadas, cartas topográficas e conhecimento da psicologia gaúcha.

Pacificou, por ter propugnado, com veemência, pelos têrmos honrosos da Paz de Poncho Verde, com base no conhecimento da psicologia do rio-grandense, e crença, na justeza dos motivos que determinam esta Revolução, na qual, havia tombado em sua defesa, seu caríssimo tio, João Manuel Lima e Silva, o primeiro a chegar a Piratini e juntar-se com as tropas de Neto, após a vitória do Seival, e por isto, elevado por decreto, juntamente com Bento Gonçalves, à condição de primeiros generais da República Rio-Grandense.

Este tio de Duque de Caxias foi bárbaramente assassinado por imperiais, quando transportado prêso, o que causou grande revolta popular, por negar o simbolismo dos amores-perfeitos do brasão rio-grandense pintados por Bernardo Pires, com o significado de DOÇURA E FIRMEZA. Firmeza durante o combate com o inimigo, e doçura pelo espírito de humanidade e respeito para com o vencido, e traduzidos na prática, pelo gesto magnânimo do canguçuense Teixeira Nunes, que após vitorioso em Santa Vitória, determina

aos prisioneiros casados:
“Estais livres para cuidardes de vossos filhos e espôsas”,

E o a de Bento Gonçalves, em São José do Norte, por recusar a vitória certa, ao preço do incêndio da praça, vitimando crianças e mulheres inocentes.

Esta era a Doçura dos homens do Rio Grande Heróico.

Após haver participado, intensamente, da Revolução Farroupilha, conforme demonstrarei adiante, embora republicano convicto, participa, como voluntário da Guerra contra Rosas e Oribe (1852). Esta guerra culminou com a vitória aliada em Monte Caseros, e obrigou Rosas e a exilar-se na Inglaterra, pondo fim, em definitivo, ao seu sonho de reconstituição do antigo Vice-Reinado do Prata, abrangendo terras que o pai de Bernardo havia ajudado a conquistar, pelas armas, na arrancada de 1801. Participou também, da Campanha de 1863/1865.

Por ocasião da Guerra do Paraguai, na qual o Rio Grande do Sul foi humilhado pela invasão das tropas do Ditador Lopes, fruto de seu sonho de reconstituição do antigo Império Jesuíta, Bernardo Pires sentiu-se ferido, de morte, em seu patriotismo acendrado.

Procurando transformar em ação sua revolta, por tamanha humilhação à Pátria estremecida, ameaçada em sua INTEGRIDADE — pasmem patriotas do meu Brasil — Bernardo Pires partiu para campos do Paraguai com 77 anos de idade. Que exemplo edificante de patriotismo!

É o civil voluntário em armas, em defesa do solo sagrado da Pátria. Voluntário da Pátria autêntico e ao cubo, pois tinha 77 anos.

Rico fazendeiro, após haver se refeito do gasto que tivera na Revolução Farroupilha, organiza um Corpo de Voluntários da Pátria, às suas expensas, e junta-se ao seu bravo comandante de Seival, Antônio Neto, velho companheiro de tantas “campareadas” heróicas. Ruma para o Paraguai para ajudar a fazer uma das mais belas páginas de nossa História Pátria, na qual, civis voluntários e militares, lutaram lado a lado, ombro a ombro, até a vitória final e reparação completa da afronta à Pátria.

Nessa guerra, em que Bernardo Pires disse o seu derradeiro presente, de “arma em punho”, pela Pátria, após tê-la defendido por sete vezes, além de participar do Decênio Heróico, lutou bravamente pela PÁTRIA COMUM, e não pelo Império, e encontrou bastante tempo, através do **“Histórico Lenço Republicano”**, de sua autoria, levado para o campo de batalha pelos bravos comandados de Neto, muitos veteranos de Seival, para propagar ao pé dos fogões, nas trincheiras, e marchas, o seu grande sonho republicano. Este lenço baseado nos ideais republicanos nascidos da Batalha do Seival, na qual ele foi ferido, à bala, por duas vezes, em razão de seu arrojo como precursor das épicas cargas de Cavalaria contra os imperiais, seria adotado pelos republicanos rio-grandenses de 1881, como o catalizador dos ideais de República do Brasil concretizado em 15 de novembro de 1889, graças a participação decidida entre outros, dos seguintes rio-grandenses: JÚLIO DE CASTILHOS, ASSIS BRASIL, BORGES DE MEDEIROS, PINHEIRO MACHADO, ALCIDES LIMA e GONÇALVES CHAVES.

O escudo ou brasão, do lenço de Bernardo Pires, foi o catalizador do ideal republicano rio-grandense durante quase um século, entre 1843, quando definhava a República Rio-Grandense, e o 15 de novembro de 1889. Portanto, deveria ser adotado, de direito, pelo Estado do Rio Grande do Sul, como seu brasão oficial, pois foi o adotado, de fato, durante meio século, pelos republicanos rio-grandenses. Ele é autêntico por ser de autoria de um destacado republicano filho do Rio Grande do Sul, com tão assinalados serviços de guerra, prestados à Pátria, como civil, e a encarnação do espírito republicano rio-grandense nascido em 10 de setembro de 1836, na batalha do Seival, da qual participou com destaque, e pelos ferimentos recebidos foi cognominado o “MARTIR DE SEIVAL”.

O GRANDE PRECURSOR REPUBLICANO E “MÁRTIR DE SEIVAL”

Como resultado de suas andanças pelas campanhas uruguaias, em atividade militar, ou a negócios como estancieiro, Bernardo Pires toma conhecimento, através de conversas e leituras de jornais, dos sucessos do ideal republicano na França, Estados Unidos, Argentina e Uruguai.

Lendo, ouvindo e vendo muito, compara o que se passava no exterior, com o que se passava no novel Império do Brasil, que, apesar do Grito do Ipiranga, era dominado economicamente por uma minoria portuguesa, ávida de lucros comerciais. Esta minoria mercantilista, denominada **“galegalidade”**, e voltada cinicamente para o lucro, era insensível aos justos reclamos dos rio-grandenses.

Além de olvidarem o grande esforço do Rio Grande nas lutas contra os espanhóis em 1776, 1801, 1821, e na descolorida campanha Cisplatina (1825/1828), agravara sua arrasada pecuária, com escorchantes impostos sôbre o charque, sua principal fôrça econômica, e sôbre o campo.

Ao taxar estes impostos, a minoria revelou-se insensível ao fato da pecuária estar arrasada, por terem os estancieiros abandonado seus trabalhos para correrem as coxilhas, agora em defesa da integridade do Brasil, além de alimentarem por 3 anos, o Exército Brasileiro em Operações e o Argentino-Uruguaio, que andou abastecendo-se nos campos rio-grandenses, abaixo da linha balizada pelos rios Piratiní e Ibicuí.

Se isto não bastasse, esta minoria ainda comprava o charque dos inimigos de sete anos atrás, e com o qual, o nosso produto não podia concorrer no Rio de Janeiro, pois além do escorchante impôsto, a “barra diabólica” do Rio Grande, com seus freqüentes naufrágios, obrigava que o charque fosse acrescido de expressivas parcelas correspondentes a seguros e fretes marítimos.

Vendo, que decorridos treze anos da “Independência do Brasil”, o Império não mudara o tratamento com o Rio Grande, Bernardo Pires apaixonou-se pelo ideal republicano, e nêle, vê a solução ideal para todo o Brasil.

Em 1830, por ocasião da instalação da vila de Piratiní, vamos encontrar nosso herói na condição de Fiscal da Câmara, constituída, então, de diversos bravos piratinenses da arrancada de “35”.

Em 8 de outubro de 1835, poucos dias após a eclosão da Revolução Farroupilha, juntamente com o bravo piratinense Manoel Lucas de Oliveira e o cariguçuense Joaquim Teixeira Nunes, alista-se nas fôrças comandadas por José Oliveira Nico e Domingos de Souza Neto, irmão do bravo Antônio Neto, que entraram em Piratini e depuseram as autoridades imperiais.

A seguir, integraria a {a Brigada de Neto, participando bravamente, e na vanguarda, da batalha do Seival, sendo ferido à bala por duas vezes.

Quando os farroupilhas, após proclamarem a República Rio-Grandense em Seival, entraram em Piratini para instalar a capital da república, Bernardo Pires é aclamado pelos piratinenses com o título de “O MÁRTIR DE SEIVAL”, em razão dos ferimentos graves que recebera; e que o invalidaram para, combate em campanha, por longo tempo.

Quando em repouso, para recuperar-se dos honrosos ferimentos recebidos, como distração, para extravasar seu civismo, é quase certo tenha desenhado a bandeira farroupilha, na qualidade de bom desenhista, e conhecedor, como maçõn, de um pouco de heráldica.

Essa bandeira, por certo de sua autoria, e por êle mandada confeccionar, foi entregue ao seu grande amigo Teixeira Nunes, para desdobrá-la pela primeira vez, à luz do sol, no cortejo solene da Câmara da República em Piratiní, até à Igreja, para solene Te Deum, na data de 6 de novembro de 1836, portanto uma semana antes de ter sido adotada de direito, e errôneamente, como Escudo D’Armas, daí a precisão de sua histórica entrevista publicada, faz 80 anos, no **Diário Popular**, quando tinha 101 anos.

Em Piratini, enquanto recuperava-se dos ferimentos, Bernardo Pires é tratado com todo o respeito pelas autoridades e povo, e dedicava-se às atividades cívicas e participava com a autoridade moral adquirida em Seival, de todos os entendimentos em torno dos rumos da novel República.

Quando Bento Gonçalves chega em Piratini, em novembro de 1837, para assumir a Presidência da República, após sua fuga romanesca do Forte de São Marcelo, na Bahia, em 10 de setembro de 1837, apressa-se a procurar o Mártir de Seival, e abraçando-o, com efusiva amizade lhe diz:

“Preciso ainda mais uma vez de teus serviços, quero mais um esforço teu em prol da causa da Pátria, vou confiar-te o cargo de Chefe Geral de Polícia da República”, — Bernardo Pires aceita o encargo.

No período áureo da República com sede em Piratini, nosso herói participaria de muitas festas cívicas, como emérito declamador do Teatro Sete de Abril, e, em certa ocasião desfilou tendo uma banda à frente, entoou a plenos pulmões, o hino rio-grandense que era tocado em sua homenagem, como Mártir de Seival, em cerimônia comemorativa do 3º aniversário dessa vitória (**De “O POVO”**).

Foi grande amigo e confidente de Rosseti e, colaborador do jornal “O POVO” editado por esse bravo italiano, que fora contratado por Tito Lívio Zambeccari, quando preso no Rio de Janeiro, (Lindolfo Collor — Garibaldi e a Revolução Farroupilha).

Bernardo Pires declarou com 101 anos de idade, que Tito Lívio foi colaborador de “**O POVO**”, o que serviu para insinuações de contradições em diversas declarações por ele feitas então. O essencial é ler-se “**O POVO**”, e verificar se Zambeccari não enviou através de Rosseti ou outrem, colaboração para este jornal, na oportunidade em que Rosseti foi por ele contratado no Rio de Janeiro, ou mesmo, transcrições de “**O CONTINENTINO**” de Porto Alegre. Os artigos de “**O POVO**” não são assinados, mas percebe-se que há estilos diferentes, era comum a utilização de pseudônimos.

Quanto ao Escudo D’Armas, hoje adotado pelo Rio Grande do Sul, e cujo plano foi de Mariano de Mattos e desenho de Bernardo Pires, tenho para mim, que a idéia partiu de Bernardo Pires, e que após algumas trocas de idéias entre os dois, Bernardo Pires o desenhou conforme consta do painel de sua muito provável autoria, atribuído ao Padre Hildebrando, e lenços mandados confeccionar por nosso herói nos Estados Unidos e França, e na bandeira que foi adotada, extra-oficialmente, no Decênio Heróico (coleção **BRASILIANA, de J. Simões Lopes Netto**).

É muito provável, que Mariano de Mattos vendo o trabalho do herói de Seival, e sendo oficial de Artilharia, enfatizasse no desenho que encomendara às oficinas da Argentina e Uruguai, e inimigos de ontem, os canhões, ao invés das lanças que predominaram em Seival, como na maioria das batalhas do “Decênio Heróico”, e, em essência, batalhas de Cavalaria. Artilharia farrapa possuía 222 homens (**Ver O POVO**).

Este escudo de propriedade do brilhante oficial fluminense que, ao que parece, adotou a República Rio-Grandense por contingência política do momento, foi pouco conhecido e com ele seguiu para o Rio de Janeiro, após a sua prisão em Piratini em 27 de junho de 1842, para reaparecer no Rio Grande após a Proclamação da República, e ser

adotado como mais autêntico que o brasão original de Bernardo Pires, e constante de seus “célebres lenços” e bandeira extra-oficial que referi. Estes foram os símbolos que inspiraram os autênticos republicanos gaúchos, quase meio século, tempo que medeia entre a chegada dos primeiros lenços, após Mariano de Mattos haver partido para sempre com o seu brasão para o Rio, até 15 de novembro de 1889, período em que o ideal republicano tinha que ser sustentado por simbolismo, uma vez que as armas já não o conseguiam.

Bernardo Pires, extremado patriota como já o demonstrei, criou o simbolismo que transmitiu aceso o ideal republicano rio-grandense de Seival até 15 de novembro de 1889. Por isso, em termos de República Brasileira, quase centenária, e de espírito de “35”, deveria o seu brasão ser adotado “in totum” pelo Rio Grande do Sul, como mais autêntico que o atribuído ao brilhante fluminense Mariano de Mattos. Ele comunica com maior autenticidade a “alma gaúcha”, o espírito dos bravos do Decênio Heróico, por ter sido elaborado por patriota, filho do Rio Grande e herói de sete guerras. Como se isso não bastasse, foi um MÁRTIR DE SEIVAL. Por todos esses títulos, nosso herói é um lídimo símbolo que encarnou as mais caras tradições gaúchas.

O Major Mariano de Mattos era fluminense e, em que pese sua excelente contribuição à República Rio-Grandense, a adotou, ao que parece, por contingências políticas, em razão de sérias turras em Rio Pardo com o governo imperial da Província, por servir a dois senhores, às armas e à política, no que feriu a orientação ideal do militar moderno, de não ser político, mas sim, politizado, e a de servir a um ou a outro senhor, mas nunca aos dois ao mesmo tempo.

Mariano de Mattos, brilhante e competente oficial (repito mais uma vez com grande respeito profissional), aderiu ao Império menos de um ano após o término do Decênio Heróico, ocasião em que foi guindado, por seu brilho e competência, à condição de Ministro da Guerra do Império, em 15 de janeiro de 1846, conforme nos conta o emérito pesquisador Walter Spalding, em “**A Epopéia Farroupilha**” (p. 191).

Se o prezado leitor encarar o problema, em termos de autenticidade de ideal republicano implantado no Brasil, faz quase um século, é mais justo que figure como Brasão D’Armas do Rio Grande do Sul, o de autoria do bravo herói de sete guerras e Mártir de Seival, batalha em que se inspira parte do “Espírito Rio-Grandense de 35” e importante componente do sentimento maior de BRASILIDADE, o qual nosso herói possuiu acendrado, conforme fiz prova histórica.

Dois anos antes do término do conflito, Bernardo Pires manda distribuir entre seus amigos, os numerosos lenços que mandara confeccionar no estrangeiro, e aos quais já referi.

Ao término da Guerra do Paraguai, retorna para a sua “MUI LEAL E PATRIÓTICA CIDADE DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE PIRATINI”, onde, com indescritível júbilo, tem notícia da concretização da República do Brasil, sonho que embalou, e ao qual se manteve fidelíssimo durante 54 anos.

Em maio de 1890, muito doente, transfere-se para Pelotas, onde presta com 101 anos, sua derradeira, memorável, lúcida, precisa, mas discutida entrevista, publicada em 24 de julho de 1891, no **Diário Popular**.

Sobre sua entrevista escreverei adiante, defendendo sua autenticidade, precisão e valor histórico, e por alguns tratada de maneira pouco feliz, à exceção do emérito

historiador Walter Spalding, que destrói parte dos argumentos que negavam sua autenticidade e precisão, e isto, após 65 anos de injustiça com esse bravo, por certo, por respeitá-lo como arguto historiador, pela excelente falha de serviços prestados à Pátria, conforme fiz prova.

Em 09 de novembro de 1891, após haver assistido o nascimento de sua sonhada República e de haver acompanhado seus dificultosos passos, por dois anos, cerrou para sempre seus olhos, em data coincidente com a queda do “governicho”, excrecência republicana, e bem a tempo de não assistir à negação da DOÇURA, simbolizada pelos amores-perfeitos que pintou no ESCUDO D’ARMAS farrapo, de parte da Revolução de 1893.

Em 20 de novembro de 1933, o “**Diário Liberal**”, publicou uma nota de evocação a esse bravo, e dizia entre outras coisas:

“Era um bravo e morreu quase ignorado, o patricio ilustre, que desenhara em 1835 o escudo republicano. Mas o seu nome penetrou anônimo e sem ruído, eternidade a dentro”.

Ao pé do recorte desta notícia, seu filho Ângelo Pires, funcionário do Correio e Telegrafo de Canguçu escreveu entre outras coisas:

“Faleceu Bernardo Pires, aqui em Pelotas, no dia 09 de novembro de 1891, com 101 anos de idade, no prédio 81 da Rua Manduca Rodrigues, entre a rua Gen Argolo e Avenida Bento Gonçalves, em data coincidente com a queda do “Governicho”, (que ele se opunha), razão pela qual, seu sepultamento foi feito às expensas da Municipalidade, ao invés do governo do Estado, e se lhe deixou de prestar as honras militares a que tinha direito.”

Bernardo Pires, que talvez não seja nome de rua nem em Piratiní e Herval do Sul, coincidentemente, morre entre as artérias que levam o nome de seu líder e amigo farroupilha, e o de um grande general brasileiro no Paraguai, a quem de ve-se a construção da épica ESTRADA sobre o CHACO. orgulho de nossa ENGENHARIA MILITAR DE COMBATE , e por onde rolou parte das fôrças brasileiras, das quais nosso herói fazia parte, para a surpresa estratégica a Lopes pela retaguarda, possibilitando que esta guerra fôsse abreviada de alguns anos, e que muitos rio-grandenses fôsem poupados do sacrifício supremo.

Por coincidência, esse bravo baiano que foi Argolo, ainda não foi glorificado pela História, e vive envolto num inexplicável cone de sombra em seu Estado, de igual forma que tem vivido Bernardo Pires no Rio Grande do Sul, em que pese ter sido herói de oito **guerras**.

Esta explicação era necessária, prezados leitores, como introdução à defesa que farei dêsse bravo, sôbre sua discutida, porém autêntica entrevista concedida em final de vida, bem como de sua participação na confecção da bandeira farroupilha hoje adotada com modificações pelo Rio Grande do Sul, do Brasão D’Armas do Rio Grande do Sul, hoje adotado diferente do seu, e de paternidade duvidosa, e sôbre seus famosos lenços, que foram usados como brasões dos pavilhões republicanos, a partir de 1881, na ausência da segunda bandeira adotada pelos farroupilhas, e contendo o brasão de sua autoria.

(Publicado no Diário Popular de Pelotas - RS nos dias 4, 11, 18 e 25 de outubro de 1970.)

AUTORIA DOS SÍMBOLOS DO RIO GRANDE DO SUL [SUBSÍDIOS] PAINEL DO PADRE HILDEBRANDO

Existe no Museu Júlio de Castilhos, de Pôrto Alegre, um painel, que esboça o Escudo D'Armas da República Rio-Grandense, cuja autoria é atribuída ao Padre Hildebrando FREITAS PEDROSO, por ter sido encontrado em seu poder.

Não foi lembrada a sua possível autoria, de parte do Cel Bernardo Pires, que por certo foi o autor da bandeira farroupilha, desenhou o escudo ou brasão farroupilha para o Major Mariano de Mattos, Ministro da Guerra Farroupilha, e desenhou os brasões farroupilhas dos lenços que mandou confeccionar nos Estados Unidos e Paris, e chegados no Rio Grande do Sul, dois anos antes da Paz de Ponche Verde. Em razão de Mariano de Mattos ter levado, junto consigo, o escudo que mandara confeccionar no Prata, quando foi aprisionado no ano de 1842, o lenço de Bernardo Pires, distribuído entre seus amigos, seria o que os republicanos farroupilhas conheceram nos dois últimos anos de lutas, e o que foi conhecido pelos republicanos rio-grandenses até à Proclamação da República.

Os sobrenomes do Padre Hildebrando, lembram famílias amigas de Bernardo Pires, em Piratini, e por isso, deverá ser pesquisado, se o Padre Hildebrando era descendente de seus amigos PEDROSO e FREITAS.

O incansável pesquisador Walter Spalding, fez publicar no nº 266, ano 1965, da **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**, às páginas 59 e 60, carta de próprio punho do Cel Bernardo Pires, dirigida ao canguçuense Comendador Manoel José Gomes de Freitas(hoje patrono de cadeira na Academia Canguçuense de História)e datada de 18 de julho de 1862. Bernardo Pires, por solicitação de Manoel Freitas, relata, de memória, os pousos da Divisão de Lecor, por ocasião da entrada desta em Piratini, em 21 de agosto de 1828, para acamparem na igreja local.

Em certa altura, escreveu nosso herói :

“Ilmo. Sr. Comendador Manoel José Gomes de FREITAS:

Cumprindo com o dever de satisfazer a V. Sa., enquanto depreca por sua apreciada carta de 04 do atual (04 de julho de 1862), tenho o prazer de remeter-lhe o incluso apontamento, em que houve alguma demora, POR ESTAR TODO O MEU ARQUIVO ENCAIXOTADO E MUI ATRAVANCADO LÁ EM CASA DO PEDROSO” .

Como vemos, no ano de 1862, Bernardo Pires guardava seu arquivo na casa de PEDROSO.

E eu pergunto: Seria o padre, ligado ao Pedroso aqui referido, e teria ele apanhado nessa casa, do ARQUIVO DE BERNARDO PIRES, o famoso painel que leva o nome do padre Hildebrando?

É um problema interessando a esclarecer, porquanto o Padre Hildebrando nunca afirmou ser de sua autoria este painel, que foi-lhe atribuída autoria, por ter sido encontrado em seu poder.

O Padre Hildebrando era membro destacado no governo da República Rio-Grandense.

HINO NACIONAL

Outra questão que formulo, é sobre a possível autoria do HINO RIO-GRANDENSE, de parte do bravo Cel Bernardo Pires.

Bernardo Pires tem seu nome ligado à confecção da badeira, escudo e célebre lenço farroupilha.

Além disso, era declamador do Teatro Sete de Abril, de Piratiní, e dele recebia cartas de Setembrina, hoje Viamão, conforme se conclui das obras sobre “**Garibaldi e a Guerra dos Farrapos**”, de Lindolfo Collor.

Foi muito amigo e confidente de Rosseti, quando em Piratiní, e dele recebia cartas de Semtembrina, hoje Viamão, conforme se conclui das obra citada sobre “**Garibaldi e a Guerra dos Farrapos**”, de Lindolfo Collor.

Em sua entrevista derradeira, na idade de 101 anos, o bravo Bernardo Pires limitou-se a responder as perguntas que lhe foram feitas, o que fez com excepcional clareza e precisão, em que pese sua idade

O entrevistador não lhe perguntou se foi ele o autor, cinquenta e cinco ano antes, do HINO NACIONAL e BANDEIRA RIO-GRANDENSE, esta adotada por decreto de 12 de novembro de 1836, como Escudo D’Armas.

O Hino Nacional Rio-Grandense foi publicado em 4 de maio de 1839, em “**O POVO**”, já em Caçapava e cantado pela primeira vez, nesta Vila, no baile comemorativo do primeiro aniversário da vitória de Rio Pardo.

“**O POVO**”, de 26 de setembro de 1839, dá diversas notícias de Piratiní, e refere-se ao digno “**MÁRTIR DE SEIVAL**” Bernardo Pires, Comandante Geral da Polícia, que desfilou em 19 de setembro de 1839, pelas ruas de Piratiní, cantando o HINO NACIONAL, fazendo-se acompanhar por uma banda de música (**História de Piratiní**, de Davi Almeida).

É muito provável ser de sua lavra, este verso distribuído por frases, nas quatro orlas do seu famoso lenço:

Nos ângulos do Continente

O Pavilhão tricolor

Se divisa sustentado

Por liberdade e valor.

Estes versos se assemelham ao estilo do estribilo do HINO NACIONAL FARROUPILHA:

Da gostosa liberdade

Brilha entre nós o clarão

Da constância e da coragem

Eis aqui o galhardão.

É mais um ponto da História do Rio Grande do Sul, a ser pesquisado, para ser feita justiça a um autêntico filho do Continente de São Pedro.

A participação de Bernardo Pires, na Revolução Farroupilha, não poderá ser julgada somente por sua derradeira entrevista, publicada em 24 de julho de 1891, em que foi claro e preciso, ao responder sobre fatos ocorridos cinquenta e cinco anos antes.

Quantas são as pessoas que não respondem sobre fatos ocorridos dez anos antes, para não dizer menos.

Neste trabalho, podemos concluir de sua excepcional memória, ao responder a Manoel Freitas com precisão admirável, sobre fatos de trinta e dois anos antes.

E nisso se deve considerar, que sua cabeça está povoada de fatos do decênio Farroupilha, e Guerra contra Rosas e Oribe, nas quais participara com destaque.

Já escreveram baseados em sua entrevista, não dando crédito a certos pontos da mesma, por se tratar de um homem de 101 anos, Paulo Olinto, Conservador do Museu Nacional e José Egídio Farina, no **Diário Popular** de Pelotas, de 20 de setembro de 1859.

O emérito Professor Walter Spalding, em 05 de novembro de 1967, pelo **Diário Popular**, defende este autêntico filho do Continente de São Pedro, sobre a originalidade, autoridade e precisão de sua derradeira entrevista.

E neste sentido, como contribuição, digo que Bernardo Pires não fez confusão de escudo com bandeira, pois a confusão tem sua origem no próprio decreto farroupilha de 12 de novembro de 1836, que adotou o que entendemos por bandeira como Escudo D'Armas, e este detalhe nosso herói guardou por 65 anos em seu excepcional cérebro, junto com detalhes da campanha de 1801, que assistiu com 11 anos, e das de 1811, 1816-1821, 1825-1828, 1835-1845, 1854, 1862, e 1866-1870, nas quais participou ativamente sendo que, ferido à bala por duas vezes em SEIVAL, receberia o título de "MARTÍR DE SEIVAL".

Sobre sua declaração, e ter sido Tito Lívio Zambeccari colaborador de "**O POVO**", é preciso pesquisar todos os exemplares deste Jornal, e constatar se no mesmo não figuram artigos não assinados, de autoria de TITO LÍVIO.

"**O POVO**" possui artigos em estilos diferentes.

Existe a possibilidade de Rosseti ter transcrito alguns artigos de TITO LÍVIO, dos jornais o **CONTINENTINO**, de Porto Alegre, ou mesmo, ter feito entrega a Rosseti, de artigos que elaborou na Fortaleza de Santa Cruz, antes de contratar Garibaldi e Rosseti como corsários, à serviço da República Rio Grandense, com o barco Mazzini, transformado após a saída do Rio de Janeiro, em "**FARROUPILHA**".

Face à revelação da carta que o professor Walter Spalding fez publicar no nº 266, ano 1965, da **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro** que fornece indícios sobre a autoria do painel do Padre Hildebrando, o convido a revisar como excepcional pesquisador e historiador que é, e amante da verdade histórica cristalina, a autenticidade e precisão da histórica entrevista de Bernardo Pires aqui referida.

Nos mesmos termos, e mais nos de autenticidade republicana, histórica, rio-grandense e de tradição gaúcha, o convido a reabrir a questão quanto ao Escudo

DArmas, que deve ser o do Rio Grande do Sul, o do Cel Bernardo Pires, rio-grandense, patriota de seis guerras, precursor republicano e Martír de Seival, ou se é atribuído ao Major Mariano de Mattos, fluminense, que preso em 1842, em Piratini, levou seu escudo para o Rio de Janeiro, menos de um ano após a Paz de Ponche Verde, aceitou ser ministro do Império, conforme se constata em vossa excelente obra **“A Epopéia Farroupilha”**, bíblia do Decênio Heróico.

Outra questão que formulo, é a de pesquisar-se, quem sugeriu a denominação do célebre lanchão farroupilha **“Seival”** da expedição de Garibaldi a Laguna, cuja répilca foi mandada intrduzir no Parque Histórico Mal Manoel Luiz Osório, por desejo expresso do Presidente Médiçi, ilustre filho de Bagé, e em cujas terras travou-se a Batalha de Seival (11 de setembro de 1836), vencida por Neto, comandando sua brigada composta de filhos de Arroio Grande, Bagé, Canguçu, Herval, Pedro Osório, Pelotas, Pinheiro Machado, Piratini e Jaguarão.

O cel Bernardo Pires, pelos ferimentos recebidos nesta batalha, em razão de seu destemor e audácia, foi cognominado **“Martír de Seival”**.

Além de homem dado ao simbolismo, conforme demonstrei, era muito ligado a Rosseti em Piratini, na qualidade de Chefe Geral da Polícia, e com ele mantinha estreita e íntima correspondência, quando o bravo italiano partiu para a expedição a Laguna.

Segundo Lindolfo Collor, em sua obra **“Garibaldi” e a Revolução Farroupilha**, a conclusão dos barcos. **“Independência”** e **“Rio Pardo”**, em São Lourenço do Sul, em curto espaço de tempo, e a cargo de Garibaldi e John Criggs, muito se deve às gestões de Rosseti junto ao governo de Piratini, onde, Bernardo Pires, muito provavelmente, era seu mediador.

É possível que Bernardo Pires tenha sugerido o nome do banco **“Seival”**, dada a sua condição de **“Martír de Seival”**, e como demonstrei, ligado intimamente ao simbolismo da República Rio-Grandense.

Estes esclarecimentos históricos são oportunos, tendo em vista que o nosso cinema amadurece a cada dia que passa, e o Decênio Heróico será um manancial inesgotável de temas cinematográficos.

(Publicado no Diário Popular de Pelotas de 20/10/1970)

BANDEIRA DO RIO GRANDE DO SUL

(Subsídios para revisão histórica, tradicionalista e legal)

Em 06 de novembro de 1836, historicamente, apareceu em Piratini, pela primeira vez, a Bandeira da República Rio-Grandense, no cortejo solene em direção à igreja, para um TE DEUM, após haver sido eleito Presidente da novel REPÚBLICA, o Cel Bento Gonçalves da Silva que se encontrava preso na Fortaleza da Lage, no Rio de Janeiro, em consequência de prisão na ilha do Fanfa.

“E a quem conduz fremente de emoção e entusiasmo, ufano da glória de ser o primeiro a carregar a bandeira gaúcha, é o Major de lanceiros Joaquim Teixeira Nunes”.

(Apontamentos para a História da Revolução Farroupilha do Cel. G. N. Manoel Alves Caldeira, publicada na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul** – Ano 1927, e transcrito em **“Vultos Farroupilhas”** de Othelo Rosas).

O Cel Cadeira, como Teixeira Nunes, era nascido em Canguçu, e durante a Revolução Farroupilha, que serviu como tenente, privada por razões funcionais, da intimidade dos chefes farroupilhas, sendo testemunha de importantes eventos em Piratini.

O Cel Caldeira foi o fundador, em 1883, do primeiro Clube Republicano de Canguçu, no local denominado FLÓRIDA (J. Simões Lopes Netto – **Revista do Centenário de Pelotas – 1912**).

Esta Bandeira foi adotada, de fato, seis dias antes que o fosse de direito, por decreto de 12 de novembro de 1836, assinado pelo ilustre mineiro, radicado em PELOTAS – Domingos José de Almeida, ardoroso republicano, amicíssimo de Bernardo Pires, e em cuja memória foi erguido em 1883, em Pelotas, a caminho do Laranjal, o PRIMEIRO MONUMENTO REPUBLICANO NO BRASIL, durante o regime monárquico, (**Coleção Brasileira** n° 22, série 1ª, de J. SIMÕES LOPES NETTO, pertencente ao Arquivo Conrado Ernani Bento – Canguçu).

Esta bandeira foi adotada por decreto, como ESCUDO D'ARMAS. Senão, vejamos o decreto farroupilha de 1836:

“ESCUDO D'ARMAS do estado Rio-Grandense será de ora em diante, de forma de um QUADRADO, dividido pelas três cores assim dispostas: A parte superior junto à haste VERDE, e formado por um triângulo isósceles, cuja hipotenusa será paralela a diagonal do quadrado (manteve as cores do Brasil). O centro escarlata (Federação da República do Brasil), formada por um HEXÁGONO, determinado pelas hipotenusas dos triângulos simetricamente dispostos, VERDE e AMARELO.”

É a bandeira tradicional adotada pelos republicanos rio-grandenses históricos, na Constituição de 1891 –

“VI São insígnias oficiais do Estado, as do Pavilhão Tricolor criado pelos revolucionários rio-grandenses de 1835”.

Mantinha-se a TRADIÇÃO do ESPÍRITO de “35”, onde o rio-grandense busca inspiração para o CIVISMO regional, dentro do contexto do sentimento maior de BRASILIDADE.

Os legisladores procurando fidelidade à TRADIÇÃO DO ESPÍRITO DE “35”, inscreveram na Constituição de 1947:

“O Estado terá como insígnia oficial o Pavilhão Tricolor da República Piratini”.

Foi cometido um erro jurídico e histórico, ao denominar-se Piratini, ao invés de Rio-Grandense, àquela República, mas acertaram os legisladores ao assim chamá-la, pois foi nessa histórica cidade, que o ESPIRITO DE “35”, em que se baseia grande parte da tradição gaúcha, atingiu o seu período áureo.

Este, por certo foi o espírito do legislador ao legalizar de direito, uma denominação consagrada pela TRADIÇÃO.

A Lei nº 5213, de 05 de janeiro de 1966, não manteve a tradição dos constituintes rio-grandenses de 1891 e 1947, de adoção da bandeira do decreto de 12 de novembro de 1838, da República Rio-Grandense, adotando, ao invés, uma bandeira retangular, que em muito se assemelha à utilizada entre 1838 e 1845, extraoficialmente, e por tradição, até a República. A referida bandeira, que consta da **COLEÇÃO BRASILIANA DE J. SIMÕES LOPES NETTO** (nº 10, 1º série), tem ao centro do paralelogramo escarlate, e sobre campo de ouro, o escudo de autoria de BERNARDO PIRES, que figurou também nos CÉLEBRES LENÇOS que mandou confeccionar em 1843, nos Estados Unidos e França, e que serviram de inspiração aos clubes republicanos rio-grandenses a partir de 1881, por serem costurados nas bandeiras de aludidos clubes.

Esta bandeira é autêntica em termos de tradição, por ter sido um aperfeiçoamento estético da primeira, acrescida do escudo, que ainda não existia quando foi elaborada a original, e transformação do quadrado em retângulo, essa forma mais condizente para representar um estado republicano, de vez que a forma quadrada, segundo o emérito historiador Walter Spalding, ao tratar do assunto no **Diário Popular** de 5 de junho de 1867, era tipo de pouco uso, por parte dos Estados, mas muito usada para emblemas de corpos militares, marinha, guarda pessoal de reis e imperadores.

Sua autenticidade resulta da possibilidade de ter sido feita pela mesma pessoa, conforme procurarei demonstrar adiante.

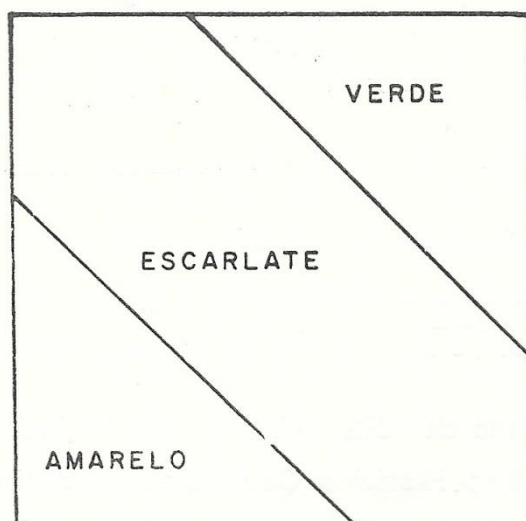
A Bandeira oficializada pelo Estado, difere desta, por ter adotado o escudo de autoria atribuída a Mariano de Mattos, sobre fundo branco, ao invés do escudo de Bernardo Pires, sobre fundo ouro, bem como por inverter a inclinação do paralelogramo escarlate, e, em consequência, alterar a disposição dos triângulos VERDE e AMARELO.

Parece que não foi fiel à Lei nº 5213, em termos de TRADIÇÃO E HISTÓRIA, ao ESPIRITO DE “35”, que os constituintes de 1891 e 1947 quiseram comunicar aos pósteros, através da Bandeira e Escudo D’Armas, sendo que deste, já tratei, posteriormente, quanto à autenticidade.

Por esta razão, apelo às autoridades, historiadores e tradicionalistas rio-grandenses, para que procedam uma revisão histórica, tradicionalista e legal neste assunto, e que seja restabelecido nos símbolos do Rio Grande do Sul, a autenticidade em termos de ESPIRITO DE “35”, que lhes cabe obrigatória e fielmente, transmitir aos pósteros, como uma das mais caras tradições do Rio Grande do Sul, para que este continue a ser de fato, para todo o sempre, “O RIO GRANDE QUERÊNCIA AMADA E RECANTO DA TRADIÇÃO”

AUTORIA DA BANDEIRA

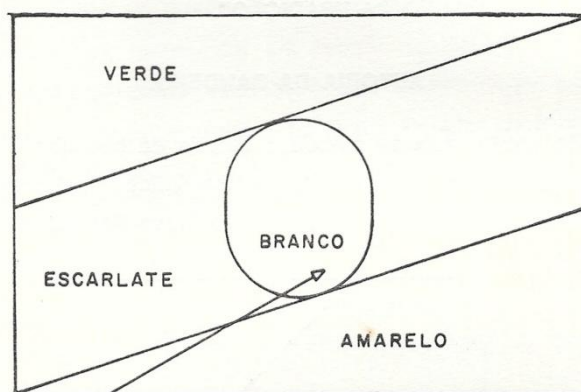
Por certo, deve-se atribuir a autoria da bandeira que foi desdobrada pela primeira vez na República Rio-Grandense, bem como a segunda a que referi, ao bravo Cel. Bernardo Pires, Chefe da Polícia da República Rio-Grandense, falecido em Pelotas, em 09 de novembro de 1891, com 101 anos, após haver participado de sete campanhas e Revolução Farroupilha.



Bandeira adotada por decreto da República Rio-Grandense como Escudo de Armas (Decreto de 12 de novembro de 1836)

A esta conclusão me conduzem as seguintes provas indiciárias:

Era bom desenhista, maçom, bastante alfabetizado para época, poeta, declamador, colaborados de “**O POVO**” e possuidor de excepcional memória, conforme se pode concluir da sua carta do ano de 1862, publicada na Revista nº 266 – ano 1965, do **Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**, em que se refere, com rara precisão, e com a idade de 72 anos, a fatos passados 44 anos antes.



ESCUDO DE MARIANO A. DE MATTOS

Bandeira adotada atualmente pelo Rio Grande do Sul, com inclinação do paralelogramo diferente da tradicional surgida em 1838, e com o escudo de Mariano de Mattos.

Sua excepcional memória conservou-se lúcida, até a idade de 101 anos, conforme pode-se concluir de sua histórica, derradeira e precisa entrevista, publicada em 24 de julho de 1891, no “Diário Popular” e comentada por alguns de maneira por vezes pouco feliz, considerando-a sem autenticidade, devido a sua avançada idade, olvidando seu belo passado de patriota e de destacado republicano, e para não dizer, parte da própria história.

Suas afirmações, limitando-se a responder somente o que lhe foi perguntado, com modéstia, mas precisão, comentadas sem profundidade histórica, fizeram sua venerável figura mergulhar num cone de sombra.

É oportuno, que o leitor interessado, leia este número do “**Diário Popular**”, para comprovar o que digo a respeito.

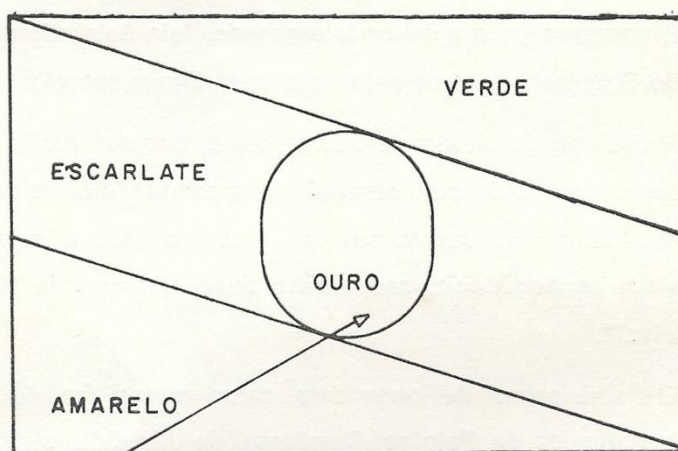
Participou da vitória Seival, onde, por seu arrojo e intrepidez à frente de seu esquadrão, recebeu dois ferimentos à bala, que o invalidaram por longo tempo para o combate, tendo em consequência, recebido o título honroso de “Martír de Seival”.

Era amicíssimo, de longa data, como estancieiro, do grande charqueador de Pelotas, Domingos de Almeida, signatário do decreto de adoção da primeira bandeira.

Era amigo de Bento Gonçalves desde Jaguarão, por ocasião das campanhas de 1816/1821 e 1825/1828. Por ocasião do retorno do primeiro da Bahia, após fuga espetacular do Forte de São Marcelo, foi honrado com o cargo importante e chave, de Chefe Geral de Polícia, e nesta condição, participou da discussão dos destinos da República.

É autor incontestável do Escudo que figura nos seus célebres lenços, bem como quase certo, do painel atribuído ao Padre Hildebrando FREITAS PEDROSO, e provável do HINO NACIONAL publicado no “O POVO”, em 1839, bem como provável sugestor do nome do célebre lanchão farroupilha “Seival”, tudo conforme indícios que apresentei anteriormente.

Logo após a batalha de Seival, nosso herói, ferido, recolhe-se ao seu lar, em Piratini, onde é provável que, para distrair-se, tenha idealizado, desenhado e mandado confeccionar a bandeira que entregou ao Major Joaquim Teixeira Nunes, velho amigo de Campanha Cisplatina e de Seival, para que a desfraldasse em seu lugar, em razão de estar preso ao leito, recuperando-se de seus gloriosos ferimentos.



ESCUDO DE BERNARDO PIRES

Bandeira do Rio Grande do Sul como deveria ser, respeitando a tradição e a intenção dos constituintes de 1891 e de 1947 do Rio Grande do Sul.

Se não bastassem-lhe outros títulos, a autoridade moral adquirida como “Martír de Seival”, fez com que seu amigo Domingos de Almeida decretasse de direito, seu pavilhão.

Conceber uma bandeira não era tarefa difícil para um simbolista e desenhista, com tempo e autoridade moral para tal, e que desde 1801, com onze anos, e após, nas campanhas de 1811 (1816/1821), (1825/1828), vira muitas bandeiras em suas andanças militares.

A segunda bandeira a que referi, é por certo de sua autoria, atendendo talvez plano de Mariano de Mattos, conservando as cores e disposição, mas perdendo o hexágono original escarlate, por uma contingência da geometria, e acrescido do seu brasão, que traduz o ESPÍRITO REPUBLICANO DE “35”, por quem era a própria encarnação deste espírito, por todos os títulos.

Esta, pode ter sido a bandeira que ele referiu na sua entrevista no “**Diário Popular**”, e os que analisaram, pensavam na primeira que não tinha escudo, e condenaram sua declaração, como lapso de memória de um ancião de 101 nos.

A primeira deve ter durado pouco, e esta era a que ele lembrava-se, por vê-la nos últimos 63 anos, e que segundo ele, fora adotada pelos republicanos históricos em 1891, como insígnia oficial do Rio Grande do Sul.

Os amores-perfeitos do escudo que ele referiu que ele juntou nos ângulos agudos do losango central, e com o significado de FIRMEZA E DOÇURA dos homens de “35”, parece, foram suprimidos de seu escudo, e do adotado oficialmente, sendo substituídos por estrelas.

É necessário que autoridades, historiadores e tradicionalistas façam uma revisão deste assunto, para decidirem qual a bandeira autêntica, como comunicadora do ESPÍRITO DE “35”. Se a adotada por decreto farroupilha e sem escudo, ou se a adotada no Decênio Heroico com o escudo de Bernardo Pires e, neste caso, surgirá o problema de revisão, de qual o escudo que representa o autêntico ESPÍRITO DE “35”.

A República do Brasil, em 10 de maio de 1970, por ocasião da inauguração do Parque Mal Manoel Luiz Osório, reconheceu a realidade e autenticidade do ESPÍRITO DE “35”, como importante componente do sentimento maior de BRASILIDADE, ao colocar no interior deste parque, por desejo expresso do Exmo. Sr. Presidente da República, uma réplica do legendário lanchão Farroupilha “SEIVAL”.

Neste ponto, convido o leitor interessado a mergulhar no passado, na batalha de “SEIVAL”, (10 de setembro de 1836), para ver o que foi preciso fazer para que esta idéia fôsse consagrada pela República do Brasil, através da réplica de “Seival” e assim chegasse até 10 de maio de 1970, após 134 anos.

Primeiro: A criação em 14 de outubro de 1835, por Mariano Ribeiro, da Legião de Guardas Nacionais da Comarca de Piratini, formada de quatro companhias, constituindo dois esquadrões, e êstes um corpo com comando sediado em Piratini, a cargo do Cel Antônio Neto, sendo que as companhias articulavam-se da seguinte forma: duas em Bagé (1º e 2º Distritos), uma em Canguçu, e a última em Pedro Osório (Vila Freire). (Registro de Documentos n° 01, da Câmara de Piratini, — **História de Piratini**, de Davi Almeida).

Segundo : Que esta Legião, transformada em Primeira Brigada de Neto, e constituída de bravos filhos dos atuais municípios de ARROIO GRANDE, BAGÉ, CANGUÇU, HERVAL DO SUL, PEDRO OSÓRIO, PELOTAS, PINHEIRO MACHADO,

PIRATINI, RIO GRANDE e JAGUARÃO vencesse em Seival, e criasse condições para a Proclamação da República Rio-Grandense.

Esta vitória foi conquistada, ao preço de sangue de muitos farroupilhas e, dentre êstes, de sangue do bravo Cel Bernardo Pires, que recebeu dois ferimentos à bala, que o invalidaram por longo tempo para o serviço em campanha, e por isto receberia o título de “O MÁRTIR DE SEIVAL”.

Terceiro : Que o célebre lanchão “SEIVAL” seguisse para Laguna apoiado por terra, pelo “Bravo dos Bravos Farroupilhas”, o Cel Joaquim Teixeira Nunes, comandando seus célebres e temidos lanceiros negros, e como ele, muitos já veteranos de Seival.

No ato da introdução da réplica de “Seival” no Parque Mal Osório, por vontade expressa do Presidente Médiçi, filho da histórica Bagé, município que contribuiu com o maior ônus na Batalha de Seival, conforme demonstrei, que se sintam homenageados por isto, os filhos dos municípios já citados, e mais os de São Lourenço do Sul e Camaquã, por terem muitos de seus heróis do passado concorrido para que o lanchão “Seival” verdadeiro, fôsse construído na barra do CAMAQUÃ, hoje terras de São Lourenço do Sul.

(Em publicação no Diário Popular de Pelotas-RS).

ESCUDO D'ARMAS DO RIO GRANDE DO SUL (Subsídios para revisão histórica, tradicionalista e legal)

Com 101 anos de idade, o Cel Bernardo Pires, prestou entrevista que foi publicada no Diário Popular de 24 de julho de 1891.

Quando lhe perguntaram, sé era dêle o plano da bandeira que serviu de legenda aos farroupilhas, respondeu com tôda a lucidez e autoridade moral de um herói de sete guerras, conforme provei antes, além de “MÁRTIR DE SEIVAL”, batalha farrapa que criou condições para a PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA RIO-GRANDENSE em 11 de setembro de 1836 e portanto, simbólicamente, SANGUE de “35”.

“Esta bandeira tem uma história que me orgulha. O plano pertence a Mariano de Mattos, meu velho amigo, mas o desenho e todo o trabalho de arte é meu. Nunca estudei desenho, como não estudei coisa alguma, mas esta obra que ai vêem, é minha. Os amôres-perfeitos que circulam as armas, foram desenhados por mim e simbolizam estas palavras memoráveis — DOÇURA E FIRMEZA. “

Esta bandeira foi organizada no ano em que se imprimiu em Piratini a moeda papel da **República**”.

E mais adiante completa

Sei que minha bandeira foi adotada pelo governo republicano e é uma grande honra para mim.”

(Refere-se ao célebre lenço ou a uma segunda bandeira que surgiu em 1838).

Este bravo, em que pese seus 101 anos de idade, não teve lapso de memória nem cometeu equívocos, sabia perfeitamente o que estava dizendo, e se equívoco houve, foi dos que analisaram sua entrevista, sem uma profundidade histórica maior, olvidando sua excepcional folha de serviços, como patriota e republicano, e por isto, encarnação das

mais belas qualidades que ornaram o caráter rio-grandense **É autêntico “Sangue de 35”, “que volta verde, na forma no “chimarrão”,** conforme consta na capa do “Manual do Tradicionalista” de Glaucus Saraiva.

O Decreto de 12 de novembro de 1836, que adotou o que entendemos por bandeira, o fez como Escudo D’Armas, consolidando, de “direito”, o que já havia sido adotada de “fato”, seis dias antes, por ocasião do cortejo da Câmara à igreja, para solene TE DEUM, ao ser transportada pelo grande herói republicano Cel Teixeira Nunes “O Bravo dos Bravos Farroupilhas”. reza:

O “Escudo D’Armas, do Estado Rio-Grandense, será de hora em diante de forma de um quadrado dividido pelas três côres assim dispostas...”

Nosso herói não foi confuso e sim o decreto que adotou uma bandeira como Escudo D’Armas.

Com 101 anos de idade, sabia bem Bernardo Pires o que estava dizendo.

O que ele referia como bandeira, era o escudo d’armas feito em 1838, e mandado confeccionar em Buenos Aires ou Montevideú, no mesmo ano, que pelo decreto de 08 de julho, regulava-se a impressão de papel moeda.

Nosso herói foi preciso mais uma vez.

“Sei que minha bandeira foi adotada pelo govêrno republicano”.

Pelo decreto acima, a bandeira que creio ser de autoria de Bernardo Pires, conforme já foi demonstrado anteriormente, foi adotada como Escudo D’Armas, restando a ele identificar como bandeira o que era escudo, em razão de uma confusão feita, não por ele, mas, pelas próprias autoridades farroupilhas, que assim entendiam o problema. Estes enganos ocorrem até o presente.

Nosso herói foi objetivo e fiel.

Quando Bernardo Pires referia-se à bandeira, isto significava o Escudo D’Armas constante de seus célebres lenços mandados confeccionar às suas expensas nos Estados Unidos e França, os quais êle distribuiu para diversos amigos, como autêntica bandeira, e em tôrno da qual, deviam ficar unidos os republicanos de “35”, numa época em que não mais existia aquêle feito por Mariano de Mattos, por ter seguido com êle para o Rio de Janeiro, quando de sua prisão em Piratini, para sômente retornar após proclamada a República.

O lenço de Bernardo Pires, foi a verdadeira bandeira que encarnou os ideais dos republicanos rio-grandenses, durante quase meio século, e serviu de inspiração aos republicanos gaúchos de 1881, ao ser pregado nas bandeiras de seus clubes, até ser adotado oficialmente por eles, como autêntico, para figurar como símbolo do Rio Grande do Sul, e a Constituição do Rio Grande de 1891 teve esta intenção.

Por todos os enganos aparentes, em sua lúcida, precisa e patriótica entrevista, foi defendido como autêntico, em têrmos simbólicos de “Sangue de 35”, o inspirado no de Mariano de Mattos, desprezando-se o deste bravo farrapo, acusado inclusive, de plágio grosseiro o que não é verídico.

É neste ponto, autoridades, historiadores e tradicionalistas do Rio Grande do Sul, que peço façam justiça histórica, tradicionalista e legal ao nosso herói, por seu passado de autêntico patriota republicano, e encarnação das mais belas virtudes que ornaram o caráter do rio-grandense e representação simbólica de: “É o sangue de “35” que volta pra mim”.

Revisem o assunto, e neguem sua participação na autoria dos símbolos, mas com provas documentais.

O escudo atribuído a Mariano de Mattos, pouco difere do lenço de Bernardo Pires, sendo que o último foi complementado para melhor, por um autêntico filho do Rio Grande do Sul, republicano precursor convicto, “Mártir de Seival” e patriota de sete guerras, e portanto, “SANGUE DE 35” derramado em SEIVAL.

Bernardo Pires era desenhista, maçom., alfabetizado e dado ao simbolismo, além de colaborador do jornal “O POVO”, pois invalidado para o trabalho em campanha, passou longo tempo em Piratini, recuperando-se dos ferimentos recebidos por seu destemor em Seival, razão porque era conhecido como o “Mártir de Seival”.

Com a chegada de Bento Gonçalves, em novembro de 1837, nosso herói assume a Chefia Geral de Polícia e ainda continua em Piratini.

A bandeira é quase certo ser de sua autoria, como incontestavelmente é de sua autoria, o desenho dos lenços mandados confeccionar nos Estados Unidos e França, como também a bandeira com o seu escudo feita em 1838.

Tenho para mim, que por todos estes títulos, ele sugeriu a Mariano de Mattos o escudo rio-grandense, e juntos o tenham idealizado.

Ao Bernardo Pires apresentar desenhado, o escudo que imaginara, e na forma constante dos lenços, Mariano de Mattos,- na qualidade de oficial de Artilharia, enfatiza por demais no desenho mandado para a Argentina ou Uruguai; os canhões cruzados - e seus acessórios, além de truncar as lanças que servem de mastro às bandeiras, e às demais, por suprimir seus cabos.

Suprimiu o clarim, espada e o louro da vitória que Bernardo Pires havia desenhado sobre, ou em torno de um pequeno canhão, este simbolizando, por certo, a artilharia leve farroupilha, capaz de acompanhar com velocidade e fluidez a cavalaria farrapa. Suprimiu também, os amores-perfeitos do mesmo conjunto, simbolizando a legenda FIRMEZA E DOÇURA, qualidades que ornavam o caráter dos idealistas do Decênio Heróico e, uma das mais belas tradições a cultuar pelos rio-grandenses.

Neste ponto, seu escudo diz mais aos rio-grandenses, pois Bernardo Pires enfatizou as lanças, espada e clarim, características da Cavalaria Farrapa. O Decênio Heróico foi excelente escola para os que foram seus grandes expoentes em Monte Caseros, Tuití e Aval, como Osório Andrade Neves, General Câmara, Antônio Neto e tantos outros, e que continuam a inspirar por seus belos exemplos, a Arma de Cavalaria do Exército Brasileiro, a qual encontra-se, em sua maioria, estacionada no Rio Grande do Sul, onde, atingiu o seu “clímax heróico”, na Revolução Farroupilha.

Bernardo Pires não ficou só no escudo, para enfatizar a autenticidade e predominância da Cavalaria que quis empestar ao escudo, pois em cada canto de seu lenço, colocou duas lanças cruzadas, hoje, símbolo da Arma de Cavalaria de nosso Exército, que nasceu e adestrou-se no Rio Grande do Sul, em 1825/1828 e 1835/1845, e

que brilhou composta de civis e militares irmanados, em Monte Caseros, Tuití, Avaí e na Campanha da Cordilheira.

Rio-Grandenses! O escudo de Bernardo Pires em seu lenço, identifica-se com vossas mais caras tradições.

Façam justiça a este bravo, adotem o escudo do seu lenço, como escudo do Rio Grande do Sul, complementado com as palavras FIRMEZA E DOÇURA, embora venha a ferir a heráldica, que pouco poder de comunicação possui, e sim a heráldica futurista ou crioula, porém autêntica, em termos de ideal republicano, patriotismo e “Sangue de 35”.

Este escudo foi elaborado por um autêntico filho do “Rio Grande Heróico”, e síntese das belas qualidades que tornaram o Rio Grande um grande povo, e entre estas, FIRMEZA E DOÇURA.

O escudo adotado pelo Rio Grande do Sul, por Lei n 5213, de 05 de janeiro de 66, não é o do lenço de Bernardo Pires, adotado de fato pelos republicanos históricos e, em intenção pela Constituição de 1891, e nem o de Mariano de Mattos, e sim um misto de escudo de Mariano de Mattos, que predomina, acrescido das frases REPÚBLICA RIO-GRANDENSE 20 DE SETEMBRO e LIBERDADE — IGUALDADE E HUMANIDADE, retirados do escudo de Bernardo Pires, fazérido-se aí concessões justas à Heráldica, em nome do autêntico espírito de “35”.

E é nesta data de 20 de setembro de 1970, que, apelo às autoridades, historiadores, tradicionalistas e ao povo em geral do Rio Grande do Sul, no sentido de que seja feita uma revisão histórica tradicionalista e por fim legal, sobre tão magno problema, pois os símbolos devem representar, fielmente, o estado de espírito do povo rio-grandense, e portanto, devem ser autênticos por todos os títulos.

E esta revisão que se impõe, a formulo em termos de autenticidade patriótica, rio-grandense, republicana tradicionalista (Sangue de 35), para que seja julgado qual o escudo que deve ser adotado pelo Rio Grande do Sul.

Deverá ser o escudo constante dos célebres lenços de Bernardo Pires, rio-grandense, patriota e herói de sete guerras, “Mártir de Seival”, Chefe Geral da Polícia da República RioGrandense, precursor republicano rio-grandense e, inspirador, através de seus lenços, do ideal republicano rio-grandense desde 1843 até 15 de novembro de 1889, e que foram utilizados pregados as bandeiras dos clubes republicanos a partir de 1881?

Ou, deverá ser adotado o escudo atribuído a Mariano de Mattos?

O escudo de Mariano de Mattos, conforme demonstrei, parece ser um desenho modificado do que lhe apresentou Bernardo Pires e menos autêntico, em matéria de Espírito de “35”, conforme demonstrei antes.

Acresce ainda, que Mariano de Mattos, nos termos em que formulo esta revisão, carece de autenticidade, em que pese ter sido um brilhante e distinto oficial com grande projeção no império.

Senão, vejamos:

Autenticidade rio-grandense — Mariano de Mattos era fluminense e, após retornar para o Rio de Janeiro, por ter sido aprisionado em Piratini em 1842 pelo Barão de Jacuí, e conservado preso em Canguçu, levou consigo seu escudo e não mais retornou.

Autenticidade republicana —

Mariano de Mattos aderiu primeiro à Revolução de 20 de setembro e, após a República Rio-Grandense por contingência política do momento, em razão de sua dupla condição de militar e político.

Esta sua dupla condição contraria o ideal militar moderno, que deve servir e, em definitivo a um ou outro senhor, embora deva ser politizado, foi a responsável por seus atritos em Rio Pardo, que o conduziram sem outra alternativa, ao 20 de setembro.

Menos de um ano após a Paz de Ponche Verde, Mariano serviria o Império na paz, ao aceitar o Ministério da Guerra, portanto não era republicano (Ver página 191 de “**A Epopéia Farroupilha**”, do emérito historiador do “Decênio Heróico” — Walter Spalding).

Bernardo Pires serviu o Império nas Guerras contra Rosas e Oribe, e na do Paraguai, para onde seguiu com 77 anos, para defender a Pátria, sem se afastar, no entanto, de seu ideal que ele mesmo em campanha propagou através dos lenços que para lá levava.

Espírito de “35” —

Apesar de Mariano de Mattos ter emprestado à República do Piratini, o concurso de sua coragem cívica e brilho de sua cultura e inteligência, pouco transmitiu aos rio-grandenses nesta parte, e mesmo, decorrência de sua falta de autenticidade rio-grandense e republicana que Já demonstrei; Não é “Sangue de 35”.

Bernardo Pires, por todos os títulos é ESPIRITO DE 35, o se quiserem os tradicionalistas “E SANGUE DE 35”, que “volta verde em vossos chimarrões”, em razão dos dois ferimentos à bala, por sua intrepidez em Seival, o que lhe valeu o título de “O Mártir de Seival”.

Nosso herói através de seus lenços contendo o escudo que desenhara, foi o comunicador aos republicanos rio-grandenses históricos, do autêntico “Espírito de 35”, em tudo que esta palavra encerra em TRADIÇÃO RIO-GRANDENSE AUTENTICA.

A tradição é a alma de um povo, e esta para este como perfume para flor, e portanto deve ser respeitada, fielmente, pelos rio-grandenses, que buscam inspirá-la, em grande parte, no “Espírito de 1835”, importante componente do sentimento maior de BRASILIDADE.

O escudo de Bernardo Pires em seu famoso lenço, foi o catalizador do ideal republicano no Rio Grande do Sul, e, foi o adotado pelos republicanos históricos, para figurar pregado nas bandeiras de seus clubes, na falta da segunda bandeira farroupilha, com seu escudo, surgida em 1838.

Isto é tradição como fermento que prossegue, e definida por Glaucus Saraiva com seu brilho costumeiro, no seu “Manual do Tradicionalista”.

Esta tradição, os constituintes de 1891 procuraram consagrar a constituição gaúcha, e para isto, republicanos históricos, como Assis Brasil, Borges de Medeiros, Júlio

de Castilhos, Pinheiro Machado e tantos outros, tiveram a intenção, pelo incompleto inciso, constitucional de 1891, de adotarem todo o simbolismo da República Rio-Grandense.

“IV — São insígnias oficiais do Estado as do Pavilhão Tricolor criado pelos revolucionários rio-grandenses.”

Isto é TRADIÇÃO, e deve ser respeitada, conforme a INTENÇÃO dos republicanos rio-grandenses históricos.

Este dispositivo incompleto, revela, repito, uma intenção de que o Rio Grande do Sul adotasse todo o simbolismo da República Rio-Grandense, e, para bom entendedor, duas palavras bastam.

Eles não especificaram qual o hino, quais as cores do Estado e qual o escudo a adotar, porque estavam a braços com problemas transcendentais.

O que é certo, porém, se lhes fossem apresentados os escudos de Mariano de Mattos e o de Bernardo Pires para julgamento de autenticidade, eles responderiam por unanimidade: “Conhecemos desde o manifesto Republicano de 1870, como autêntico escudo a ser adotado pelo Rio Grande do Sul, e do bravo precursor republicano Bernardo Pires, pois foi o escudo de seu célebre lenço, que nos comunicou o ideal republicano rio-grandense de 1835, e foi o catalizador do ideal republicano a partir de 1881, quando o adotamos por TRADIÇÃO, pregados nas bandeiras de nossos clubes republicanos.”

Isto é tradição, e os republicanos rio-grandenses históricos, a respeitaram.

Os legisladores da Constituição de 1947, embora não fossem precisos, mantiveram a intenção de conservarem o SIMBOLISMO DE 35, e neste caso, mais vale em matéria de tradição, a INTENÇÃO da lei, do que sua precisão histórica ou legal.

O Diploma que adotou os atuais símbolos do Rio Grande do Sul, não foi preciso e fiel em termos de história e sobretudo de preservação do ESPÍRITO REPUBLICANO RIO-GRANDENSE DE “35”, nascido em 11 de setembro de 1836, na memorável Batalha de Seival, onde devem ser procurados a maioria dos precursores teóricos e práticos do ideal republicano rio-grandense.

Estamos vivendo na quase CENTENÁRIA REPÚBLICA DO BRASIL, e a ela cabe iluminar o CONE DE SOMBRA com que foram envolvidos pela Regência e Império, bravos e autênticos republicanos rio-grandenses de 1836, por terem, um dia, sonhado e lutado por regime mais justo, a República, em que pese haverem se redimido de sobejo, ao defenderem a Pátria em Monte Caseros e Guerra do Paraguai.

Com 81 anos de República, já é tempo de se abandonar velhos chavões da Regência e do Império, de ideal separatista rio-grandense, união com a Argentina, altos interesses econômicos em jogo, e tantas outras insinuações semelhantes.

Esta arrancada foi justa e idealista no seu contexto geral, e o bravo Barão de Caxias a reconheceu de sobejo, nos termos honrosos da Paz de Ponche Verde, pelos quais propugnou com veemência, e, através da recusa de celebrar um TE DEUM, em ação de graças pela vitória, mandando ao invés, fôsse celebrada uma missa pela alma de todos quantos saíram às coxilhas para defenderem de “arma em punho”, o que julgavam ser IDEALISTICAMENTE A SUA VERDADE.

Com minha opinião, não pretendí dar a última palavra sobre o assunto, e sim tão samente, apelar às autoridades, historiadores, tradicionalistas e povo em geral, para promoverem a revisão dêste importante assunto, em tēmos de autenticidade, RIO-GRANDENSE, REPUBLICANA e de ESPIRITO de “35” êste repito, importantíssimo fundamento do sentimento maior de BRASILIDADE.

(Publicado no Diário Popular de Pelotas, nos dias 3, 10, 17 — 24 de janeiro de 1970).

A verdade histórica é fruto de aproximações sucessivas. Esta era a minha visão ha 45 anos . De la para cá muitos escrevemos cabendo destacar os Sete Perfis Farrapos que escrevemos da Revista do Instituto Histórico e Geografico do Rio Grande do Sul, onde destacamos o Cel José Mariano de Mattos, ate então pouco destacado. E a seguir no livro o **Exército Farrapo e os seus chefes**, com apoio nos **Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul** uma grande obra e creio sem dúvida a maior reveladora de fontes primarias ate então desconhecidas dos históriadores. Complementam este tema alem dos citados mais os seguintes de nossa autoria disponíveis em Livro e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br

Domingos Jose de Almeida , o cerebro da Revolução Farroupilha.

Piratini um sagrado simbolo gaúcho farrapo.

Fontes da Revolução Farroupilha por min produzidas

Meu discurso de posse na cadeira General Bento Gonçalves da Silva na Academia Piratiniense de História

Hoje temos convicção que foi expressiva a participação do Major do Exército e Coronel Farroupilha José Mariano de Mattos na confecção da Bandeira da Republica Rio Grandense que foi adotada pela Constituinte gaúcha de 1891 como a Bandeira do Rio Grande do Sul.

O meu trabalho original em 1971, foi uma oferta de subsídios e não a última palavra sobre assunto.

Jose Mariano de Mattos foi importantissimo na Revolução Farroupilha e isto evidenciamos em Prefacio da História do 27º Grupo de Artilharia de Campanha em Ijuí-RS , este ano lançado.

AUTOR em 1970

MAJ ENG QEMA CLAUDIO MOREIRA BENTO

natural de Canguçu, RS,
possui os seguintes cursos:

Militares — Academia Militar das Agulhas Negras, Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Escola de Comando e Estado Maior do Exército.

Civis — Relações Públicas e Organização e Métodos, do DASP.

Estudioso da História do Brasil e em especial do Rio Grande do Sul e de Pernambuco, mananciais inesgotáveis para o estudioso da história militar, brasileira.

Sobre este assunto, colabora em diversos jornais e revistas do Nordeste e do Rio Grande do Sul e em revistas militares brasileiras.

Ligado ao movimento tradicionalista gaúcho, escreve para a coluna QUERÊNCIA, do Diário Popular de Pelotas — aquela, órgão de divulgação da União Gaúcha Simões Lopes Netto.

Atualmente, é Conselheiro da Comissão Estadual do Centenário de Goiana, Pernambuco, como representante do IV Exército e integra a coordenação da Comissão de Construção do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, como Coordenador Assistente e foi Coordenador da Operação Guararapes do Profeto Rondon, — 1971.

TRABALHOS DO AUTOR

EVOCÇÃO DO CENTENÁRIO DO TÉRMINO DA GUERRA DO PARAGUAI

Edição do Tribunal de Contas de Alagoas

JUBILEU DE PRATA DO DIA DA VITÓRIA

Edição da Prefeitura de Goiana, Pe.

A GRANDE FESTA DOS LANCEIROS

Edição da Imprensa da UFPe.

AS BATALHAS DOS GUARARAPES

Edição da Imprensa da UFPe.

SUMARIO

Folha de rosto. Com brasões das instituições fundadas e presididas pelo Autor e sua foto	
Capa do livro original cópia ...2	
Ficha catalogafica e observações atuais ...3	
Folha de rosto cópia da original...4	
Apresentação (Reitor da UFRPe) ..5	
Prefácio (Prof. J. Vasconcelos Sobrinho) .6	
Nota do autor e 2016 sobre o prefaciador e Dedicatória. 8	
Apresentação (Autor).9	
Um Grande Patriota e Precursor Republicano .10	
O Grande Patriota Herói de Sete Guerras.10	
O Grande Precursor Republicano e “Mártir de Seival” . 13	
Autoria dos Símbolos do Rio Grande do Sul (subsídios).....18	
Painel do Padre Hildebrando ..18	
Hino Nacional..19	
Bandeira do Rio Grande do Sul ..23	
Escudo D’Armas do Rio Grande do Sul27	
Trabalhos do Autor em 1971...61	

IMPrensa UNIVERSITÁRIA
Diretor: *Professor CORINTHO FERREIRA DA PAZ*